

O “Dia do Patrimônio” em Pelotas/RS como um Ato de Hospitalidade

DALILA ROSA HALLAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

DALILA MÜLLER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

PIERRE CHAGAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

MARIA DA GRAÇA GOMES RAMOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

O “DIA DO PATRIMÔNIO” EM PELOTAS/RS COMO UM ATO DE HOSPITALIDADE

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é problematizar o “Dia do Patrimônio” na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, como um ato de hospitalidade, possibilitando a interação da comunidade com o seu patrimônio cultural material e imaterial.

O patrimônio cultural é entendido como um amplo e diversificado conjunto de bens culturais que permite a cada segmento social apropriar-se do passado, compondo imagens de sua identidade, quer individual ou coletiva (NORA, 1993).

O “Dia do Patrimônio” é um evento anual que acontece na cidade há seis anos, desde o ano de 2013. O evento é organizado pela Secretaria Municipal de Cultura (SECULT) e tem o propósito de aproximar a comunidade do patrimônio cultural da cidade. A cada ano um tema central é definido, possibilitando que as discussões sejam constantemente atualizadas. Durante sua realização, o evento conta com visitação aos prédios históricos, palestras com especialistas, oficinas, cursos e exposições artísticas, todas estas, atividades gratuitas. Estas atividades ocorrem não só o Centro Histórico, mas também em outros espaços da cidade.

A cidade de Pelotas/RS dispõe de um conjunto arquitetônico eclético, visto as suas influências culturais advindas da Europa e mescladas com as influências locais, fazendo com que a cidade seja, no campo da cultura, detentora de uma identidade própria em seu patrimônio (ALMEIDA; BASTOS, 2006).

Essa identidade cultural refere-se às representações individuais e coletivas presentes em um determinado grupo social que compartilha atitudes, crenças e valores, ou seja, patrimônios comuns. São as características de um povo apresentadas pela sua forma peculiar de pensar, agir, falar e, ainda, as representações simbólicas geradas através da convivência estabelecida entre eles. Para Grinover (2012, p. 6) “A identidade é formada por uma memória coletiva, é um sentimento comum que une as pessoas e preserva de forma peculiar os fatos de determinada comunidade”.

O “Dia do Patrimônio” é uma forma de preservação do patrimônio, inserido num processo mais amplo que trata da recuperação da memória, geradora da manutenção da identidade. O patrimônio, e especificamente o “Dia do Patrimônio”, pode ser pensado como um ato de hospitalidade da cidade, como uma forma de revitalização da memória e da identidade da comunidade local.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. Baseia-se em fonte documental – jornais; sites da internet; e revistas do Dia do Patrimônio elaboradas pela Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas – SECULT em parceria com a Prefeitura Municipal de Pelotas, onde o material publicado é resultado das “Conversas do Dia do Patrimônio”, atividade semanal que ocorre nos meses anteriores ao período em que se convida a todos para refletir, aprender e celebrar o Patrimônio Cultural de Pelotas em toda a sua diversidade.

Também foram realizadas duas entrevistas, uma delas com a colaboradora da Secretaria de Cultura Diéle Thomasi e outra entrevista com a secretária de Cultura Beatriz Araújo, colaboradora da secretaria na época de criação do “Dia do Patrimônio” em Pelotas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No que diz respeito à hospitalidade urbana, Grinover (2006; 2013) afirma que esta se refere ao espaço público de livre acesso, que consiste em lugares cuja circulação da população é livre, como ruas e praças; ou de acesso controlado, que consiste em locais onde todos podem ter acesso, porém, nos horários de funcionamento, como bares e restaurantes; espaços comum e de uso coletivo.

Segundo Grinover (2006), a hospitalidade urbana está alçada nos prismas da acessibilidade, legibilidade e identidade. A acessibilidade está relacionada às possibilidades de acesso dos indivíduos a certas atividades ou serviços presentes na cidade, proporcionando a igualdade de oportunidades aos usuários urbanos. Relacionado a este item, o autor discorre sobre a acessibilidade física tangível e intangível. A primeira, ligada ao sistema de transporte, de infraestrutura viária, e à localização do espaço das atividades ou serviços urbanos para os quais se deseja ter acesso. E a segunda, também podendo ser chamada de virtual, vinculada à acessibilidade a cultura e a informação, permitindo ao indivíduo a oportunidade de frequentar um sistema de lazer, por exemplo.

No tocante à legibilidade, esta se refere à leitura, seja visual ou significativa da cidade, feita por seus habitantes. É pela legibilidade que a cidade é conhecida. Relaciona-se com a qualidade visual de uma cidade, a criação de uma imagem mental a qual é uma referência (GRINOVER, 2006). Logo, a partir dessa categoria, entende-se qual imagem é guardada pelos indivíduos.

Quanto à identidade, Grinover (2006, p. 48) afirma que “a única possibilidade de construir a hospitalidade pressupõe a capacidade de conhecer a cidade como ela é, sobretudo, de reconhecê-la como realidade”.

É necessário ressaltar uma representação forte e original do território numa perspectiva cultural (identitária), econômica, social, da melhoria da qualidade de vida, criar empregos, permitir que a população viva no local. (GRINOVER, 2006, p. 47)

De acordo com Severini (2013 apud PINHEIRO et. al., 2017, p. 84) “o espaço urbano é o elemento que vai trazer estrutura para cidade, onde moradores e turistas vivem a experiência do local”. Ainda, segundo o mesmo autor, deve-se assegurar os direitos, a acessibilidade, a memória, a segurança, a informação, o conforto, a circulação, entre outros.

Portanto, Hospitalidade Urbana está ligada ao ato de acolhimento, boas maneiras, cortesia, da cidade. Possibilitando, assim, moradores e turistas vivenciarem experiências na interação com o outro e com o lugar. Desta forma, pode-se dizer que quanto mais experiências vivenciadas, maior será a condição hospitaleira do espaço. (PINHEIRO et. al., 2017, p. 84-85)

De acordo com Matheus (2002), a cidade está destinada a novos papéis: expressão de segmentos sociais, vínculo concreto dos tempos de uma sociedade, narrativa cultural da trajetória da comunidade, lugar urbano. Acrescenta ainda a importância da comunidade neste contexto, alegando que não se pode falar de comunidade, ou mesmo tratar dela, sem considerar os inúmeros aspectos dos quais os indivíduos que vivem na cidade dependem, pois compõem essa comunidade.

Neste contexto, um ambiente hospitaleiro pode ser entendido como aquele que estimula o contato e a relação entre os indivíduos e destes com sua cidade, para que possam usufruir livremente dos espaços.

Tendo em vista a complexidade da temática hospitalidade, preza-se por utilizar neste estudo uma abordagem que associa a hospitalidade ao patrimônio, balizada no pensamento de Grinover (2012, p. 2) que se propõe a ampliar os estudos sobre o espaço urbano,

colocando novos elementos da discussão da ética, da cidadania, novos valores de pertencimento, fundamentando nossas propostas no resgate da

história da cidade e do urbano. Essas análises referem-se inicialmente à noção de lugar da hospitalidade implicando claramente um problema de território, onde justamente se dá a hospitalidade.

Para Camargo (2008, p. 22),

[...] a hospitalidade urbana consiste de instâncias regidas pela dádiva e pelo negócio. O investimento estético [...] em ruas, praças, monumentos e infraestrutura de recepção e circulação, é uma manifestação regida pelo sistema da dádiva. A cidade se faz mais bonita e exhibe sua beleza como dádiva aos que nela moram e aos que a visitam. Hospitalidade é um processo que envolve pessoas e espaços.

Quando trabalhamos com a hospitalidade no âmbito urbano, podemos analisar o lugar da hospitalidade que se realiza no acolhimento, no abrigo, no espaço dedicado a viver e atender às necessidades da comunidade. Portanto, o patrimônio cultural da cidade reúne um conjunto de bens materiais e imateriais que representam a cultura e a trajetória dessa sociedade.

O patrimônio não é só o legado que é herdado, mas o legado que, através de uma relação consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro. Neste sentido, Grinover (2012, p. 6-7) afirma que o patrimônio é “uma construção social”,

trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo de pessoas um sentimento coletivo de identidade, sendo que o elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade. O passado dá-nos um sentido de identidade, de pertencimento e faz-nos consciente de nossa continuidade como pessoas através do tempo e dá a estrutura do que entendemos por hospitalidade. É claro que as diretrizes de política pública, além de focalizar os objetos de preservação, deveriam definir os parâmetros para as ações de grupos sociais que estabeleçam espaços a proteger, o patrimônio urbano para garantir um bom padrão de vida e, conseqüentemente, uma hospitalidade atenta aos habitantes da cidade e aos que a visitam.

O contato direto com esses bens culturais é valioso para a interação e a identificação com a história do lugar. Segundo Bastos (2006, p. 60), “o ato de hospitalidade cristaliza-se no movimento de preservação dos bens, sentimento de orgulho pelo seu patrimônio cultural, processo que garante, ainda, a manutenção momentânea dos bens e o melhor acolhimento do visitante”.

Grinover (2012) afirma que o patrimônio cultural pode ser utilizado como atrativo turístico, unindo duas funções distintas, mas complementares. Segundo o autor:

Para os autóctones, ele funcionaria como uma forma de revitalização da memória e da sua identidade, aprofundando seu sentido de pertencimento; para os turistas, como possibilidade de conhecer “in loco” a comunidade visitada, fazer reflexões acerca das experiências vividas e das diferenças encontradas na comparação com suas práticas cotidianas, além de discussões posteriores que poderão colaborar para o desenvolvimento pessoal e coletivo de ambos. (GRINOVER, 2012, p. 7)

O bom acolhimento aos visitantes está diretamente ligado à hospitalidade, pois esse termo, segundo Goudbout (1997), “é um dom do espaço [...], espaço para percorrer a pé ou para contemplação, sendo suas qualidades a superfície, a acessibilidade, o conforto, a estética, a historicidade”. Paula (2002, p. 70) enfatiza que a “hospitalidade é apresentada sob diversas formas [...], tais como: confortabilidade, receptividade [...], sociabilidade, cordialidade, dentre outros”.

ANÁLISE DOS RESULTADOS: O “Dia do Patrimônio” em Pelotas/RS como um ato de hospitalidade

O Dia do Patrimônio surge em Pelotas/RS no ano de 2013. A primeira edição foi realizada nos dias 17 e 18 de agosto. Esta data foi escolhida porque faz alusão ao Dia Nacional do Patrimônio Histórico que é comemorado em 17 de agosto, em função da data de nascimento do advogado, escritor e jornalista Rodrigo Melo de Franco Andrade, que comandou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN) desde a sua fundação em 1937 até 1967 (IPHAN, 2013).

O evento ocorre anualmente no mês de agosto, sendo organizado pela Secretaria Municipal de Cultura – SECULT. A organização da primeira edição estava sob a responsabilidade da secretária de cultura Beatriz Araújo, que buscou subsídios no Dia do Patrimônio comemorado no país vizinho Uruguai. Segundo ela:

Eu fui para o Uruguai durante alguns anos, só para presenciar a festa, que lá é em outubro. E quando assumi a SECULT, promovi uma aproximação entre nós e os organizadores de lá, trazendo a Pelotas um integrante da comissão para palestrar aos servidores da Secretaria. Nesta ocasião, aproveitei para convidar, por intermédio deste palestrante, artistas uruguayos para se apresentarem aqui, no nosso evento que ocorreria no ano seguinte. (ARAÚJO, 2017)

A partir da sua fala conseguimos identificar como uma experiência advinda do turismo possa gerar processos de estranhamento “[...] ao se defrontar com o novo e com o inesperado, vivenciaria processos de mobilização subjetiva que o levariam a parar e a re-olhar o seu ambiente” (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 11) e, neste caso, acarretando na construção do projeto “Dia do Patrimônio” em Pelotas.

O dia do Patrimônio no Uruguai é comemorado em outubro. Neste evento, que acontece desde 1995 e é uma data em que se celebra o Patrimônio Cultural do Uruguai, os espaços públicos abrem suas portas para receber os visitantes uruguayos e estrangeiros. No Uruguai, a cada ano, há um tema principal em discussão.

Assim como no país vizinho, o evento em Pelotas apresenta a cada ano um tema central para que as discussões sejam constantemente atualizadas. Em sua primeira edição (2013) a organização do evento lançou o questionamento sobre “O que é Patrimônio?”. Conforme a narrativa de Diéle Thomasi (2017): “*não fazíamos ideia sobre os rumos que o evento iria tomar, qual seria o nosso caminho [...] por isso abordamos um tema mais amplo, geral. Pensamos muito sobre qual seria o reflexo para a comunidade [...] foi um evento que focou na diversidade do patrimônio da cidade.*”

O principal objetivo do evento é possibilitar ao morador e turista o conhecimento do patrimônio da cidade de Pelotas. Conforme Diéle Thomasi “*o grande propósito do Dia do Patrimônio é a abertura dos casarões para visitação e a sensibilização para com o patrimônio da cidade de Pelotas*”. A visitação tem por objetivo divulgar o patrimônio de Pelotas “*aproximando e integrando a comunidade do debate sobre a Preservação Patrimonial, buscando o entendimento do patrimônio [...] como forma de valorização da identidade cultural.*” (Figura 1)

O **DIA DO PATRIMÔNIO** é um evento que tem por objetivo divulgar e promover o Patrimônio Cultural local através das mais variadas formas de expressão, aproximando e integrando a comunidade do debate sobre Preservação Patrimonial, buscando o entendimento de **patrimônio** enquanto manifestação que une passado, presente e futuro como forma de valorização da identidade cultural.

O evento prevê diversas atividades como visita guiada a prédios históricos, manifestações artísticas ao ar livre, oficinas técnicas e ações de educação patrimonial entre outras.

Seja um **AGENTE do PATRIMÔNIO**, nos dias 16 e 17 de agosto.

Inscrições até **11 de julho**

Informações:
Secretaria Municipal de Cultura
Praça Cel. Pedro Osório, 02
53-3225.8355 c/ **Alexandra Viana**

Tema de 2014: **A Herança Cultural Africana**

Figura 1 – Chamada para Agentes de Patrimônio
Fonte: <https://www.facebook.com/DiadoPatrimonioPelotas/>

Nesse sentido podemos entender o Dia do Patrimônio como um ato hospitaleiro da cidade para com o cidadão, na medida em que dezenas de prédios históricos abrem suas portas para a comunidade, combinando as visitas com oficinas, exposições, palestras, apresentações artísticas, teatrais e musicais, ações de educação patrimonial, projeções de filmes e feiras. Tais ações de caráter educativo e festivo pretendem não somente aprofundar o conhecimento dos cidadãos quanto a sua memória, história e construção da identidade, como também ampliar o entendimento da população quanto à abrangente definição de patrimônio cultural.

Dentre as temáticas abordadas nos eventos dos anos posteriores temos “A Herança Cultural Africana” (2014), “Pelotas Natural: Patrimônio de Águas” (2015), “Ocupação Feminina” (2016) e “Territórios Daqui: Identidades e Pertencimento”, sendo este da última edição (2017). A versão de 2018, que ocorrerá nos dias 17, 18 e 19 de agosto, tem como tema “Pelotas Imaterial: saberes, fazeres e ofícios” (Figura 2).



Figura 2: Temas das Edições do Dia do Patrimônio de Pelotas
Fonte: <https://www.facebook.com/DiadoPatrimonioPelotas/>

Em sua segunda edição, o Dia do Patrimônio em Pelotas teve como tema “A Herança Cultural Africana”, cujo principal objetivo era homenagear as raízes negras e trazer a tona os elementos dessa cultura que está inserida na construção da cidade de Pelotas. Para Diéle

Thomasi (2017), a escolha do tema se deu estritamente por *“falar sobre cultura africana por aqui é complicado, pois acabamos caindo em algo estereotipado e assim queremos quebrar esse paradigma trazendo uma nova perspectiva para a ideia.”*

Conforme Castello (2006), os espaços urbanos reproduzem as suas segmentações espaço sociais, fragmentando as relações sociais, as memórias coletivas, levando à construção de uma narrativa que estabeleça a relação da cidade com os seus habitantes e, neste caso, aproximando a comunidade local com a sua própria história e patrimônio.

Em 2015, a temática central girou em torno do caráter ambiental do patrimônio cultural: “Pelotas Natural – Patrimônio das Águas”. A escolha do tema voltou-se diretamente à relação com a origem e formação da cidade a partir das charqueadas, estabelecimentos de perfil industrial onde se produziam carne salgada (charque), cuja implantação foi definida com base na hidrografia da região. A comunicação com grandes portos, possibilitada através do Arroio Pelotas e da Laguna dos Patos, permitia o escoamento da produção do charque e a chegada do açúcar, matéria prima para a produção de doces, atualmente reconhecidos como Patrimônio Imaterial da cidade.

Na quarta edição, realizada em 2016, a abordagem ficou em torno da representatividade do papel da mulher na constituição histórica e cultural de Pelotas com o tema: “Ocupação Feminina”, evidenciando as mulheres célebres e anônimas que nasceram ou viveram no município e que fizeram de Pelotas uma cidade múltipla, dinâmica e cultural.

Em 2017, “Territórios Daqui: Identidades e Pertencimento” foi o tema escolhido. Conforme a Revista do Dia do Patrimônio (2017), a grande chave para o evento seria direcionar o convite para a participação de todas as regiões da cidade Pelotas, envolvendo lideranças comunitárias, pesquisadores, artistas e agentes culturais para um exercício quando a diversidade do seu patrimônio com o seu espaço urbano.

Durante o lançamento do tema foi destacado que o objetivo é descentralizar a cultura no município e apresentar os bairros de Pelotas aos visitantes e à própria população. A equipe da Secretaria de Cultura (SECULT) visitou as comunidades para conhecer um pouco de suas histórias e inserir os moradores na programação (PREFEITURA DE PELOTAS, 09.05.2017).

Assim, a temática proposta também vislumbrou ampliar a noção de patrimônio, como uma forma mais eficaz de se abranger um público maior a participar do ideal da valorização de diferentes formas de culturas da cidade.

Ao invés de retirar este patrimônio de seu circuito próprio, é fundamental respeitar e compreender seus vínculos profundos com aqueles que o produziram: trata-se de reconhecer que, este saber fazer, preservar, difundir, aprender e refazer práticas são elementos indissociáveis. (SÃO PAULO, 1992, p. 19)

Conforme a prefeita Paula Mascarenhas, Pelotas tem tradição de movimentos comunitários, as pessoas “vestem a camisa do bairro, defendem, divulgam”. Ela diz que dedicar a edição aos bairros aproxima e fortalece a população, pois é neles que se vê a diversidade, cada um tem uma história, uma peculiaridade. Ela avalia ser importante valorizar seu território e manter suas singularidades, isso unifica e valoriza as experiências estéticas e humanas (PREFEITURA DE PELOTAS, 09.05.2017).

É possível observar que, desde a sua primeira edição, a gestão do Dia do Patrimônio traz questionamentos que dialogam com a história da cidade de Pelotas e com sua diversidade cultural, a qual conforme Nogueira (2008, apud GOMES, 2003, p. 72) “estamos falando de um autoconhecimento no que tange às diferenças e semelhanças, importantes, neste caso, para a construção cultural da cidade de Pelotas.”

Para Certeau (2007), o patrimônio cultural tem que ser considerado um instrumento valioso das experiências humanas, mas a participação popular não pode mais ser ignorada pelo poder público. Aos indivíduos que são excluídos desse processo, a educação patrimonial

deve ser uma prática de participação social. E essas práticas políticas que envolvem a experiência da sociabilidade, exigem de todos os envolvidos uma compreensão do uso social do espaço de convívio entre os indivíduos que compõem àquela comunidade.

O secretário de Cultura, Giorgio Ronna, diz que uma importante inclusão na programação, já realizada na última edição, foi o acréscimo de um dia. A sexta-feira agora é voltada, especialmente, para que os estudantes da Rede Municipal de Educação participem de um circuito patrimonial organizado para o evento. A participação de crianças é estimulada pela equipe organizadora para que comecem, desde cedo, a identificar e valorizar as suas riquezas (PREFEITURA DE PELOTAS, 09.05.2017). Desse modo, podemos pensar no “Dia do Patrimônio” como uma ação educativa, que visa possibilitar o conhecimento do patrimônio da cidade, gerando um sentimento de pertencimento, para assim preservá-lo.

Durante a edição de 2017 do evento foi realizada a exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas”, buscando mostrar uma cidade plural com espaço da população negra, das casas de religião de matriz africana, e das comunidades indígenas e quilombolas, além de dar visibilidade às periferias. “A ideia é valorizar o lugar onde vivemos e a diversidade”, explicou a organizadora, a professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Louise Alfonso (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017, s/p)

No Casarão Seis, da Praça Coronel Pedro Osório, um grupo de crianças do loteamento Dunas (um loteamento público popular de Pelotas) refletiu sobre o sentido de pertencer aos bairros e à cidade. Algumas nunca tinham visitado os prédios do Centro Histórico. Estimulados por cartazes, pinturas e objetos da exposição, elas descobrem a riqueza cultural em que estão inseridas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017, s/p).

Participar das atividades do Dia do Patrimônio, especificamente para as crianças: “[...] pode ser a oportunidade de um entendimento distinto do mundo que o cerca, além da possibilidade de criação de laços íntimos com o espaço, na tentativa de se evitar a depredação de bens e locais públicos, bem como pensar a importância destes para a paisagem urbana e o espaço comum de convivência” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017, s/p). Novamente podemos observar que está presente a ideia de educação patrimonial, como “aquela voltada a questões referentes ao Patrimônio Cultural, onde sua temática ou conteúdo programático verse sobre o acervo cultural de uma comunidade” (ORÍÁ, 2003, p. 141).

Para Diéle (2017), o ano de 2017 foi emblemático e importante para o evento, onde conforme a sua narrativa “*observamos que a procura da comunidade pela história do seu bairro se tornou mais frequente enquanto o evento ia fazendo sucesso [...] sendo o que sempre desejamos com o Dia do Patrimônio que é este sentimento de pertença através da sua cidade, do seu lugar*”. Para Souza (2003) o “lugar” é um espaço vivido e dotado de significado, uma realidade intersubjetivamente construída com base na experiência concreta de indivíduos e grupos.

Diéle (2017), ainda nos relata que a relação entre patrimônio, bairro e pertença acaba ganhando um novo significado, onde em sua narrativa ela nos traz que:

Ao dar voz e ao abrir a porta para comunidade, a gente percebe estes temas emergentes (os bairros enquanto patrimônio) passam despercebidos ao olhar dos gestores e da própria academia, porém o reconhecimento do patrimônio e pertença vai além do patrimônio edificado [...] o mais importante para eles é a sua realidade, a sua praça – que as pessoas ocupam, os campos de futebol, a igreja do bairro, a rua [...] é uma forma de visitar aquele contexto para valorizar e trazer um entendimento maior do que é este patrimônio.

Percebe-se que a proposta desta abordagem no “Dia do Patrimônio” tem o intuito de incentivar que toda a comunidade venha a valorizar e despertar a sensibilidade no tocante aos bens móveis e imóveis, tangíveis e intangíveis, que se situam a sua volta, como, por exemplo, as associações de bairro, as próprias escolas, ou os edifícios que abrigam sindicatos e mesmo os clubes de imigrantes. Não podemos excluir o vestuário e a culinária, que trazem sempre a lembrança de tempos que marcaram para sempre a vida de pessoas de uma certa comunidade ou etnia. Não são somente os bens devem ser preservados, mas também todos os documentos e fontes que dizem respeito ao local e a vida que circundava o ambiente.

Considerar a preservação do patrimônio histórico como uma questão de cidadania implica reconhecer que, como cidadãos, temos o direito à memória, mas também o dever de contribuir para a manutenção desse rico e valioso acervo cultural de nosso país [...]. Ademais, por admitirmos o papel fundamental da instituição escolar no exercício e formação da cidadania de nossas crianças, jovens e adolescentes, é que defendemos a necessidade de que a temática do patrimônio histórico seja apropriada como objeto de estudo no processo ensino-aprendizagem [...]. (ORÍ, 2003, p. 140).

Para Leal et al. (2016), a necessidade de entender como as comunidades se relacionam com seus bens, o que lhe é conhecido enquanto um bem cultural – neste caso o seu bairro, assim como fazê-las perceber a importância deste como forma de elementos que lhe identificam socialmente traçando um objetivo de que participem desse reconhecimento e por conseguinte de sua preservação são importantes para esta nova significação do patrimônio que está a margem do contexto cultural habitual.

Diéle (2017) ainda ressalta que “*a partir da adesão popular pelo Dia do Patrimônio, salientamos a quebra do paradigma acerca do patrimônio edificado (o material), trazendo a imaterialidade patrimonial de Pelotas e ocupando o urbano, contemporâneo*”.

Dessa forma, o patrimônio pode ser colocado numa relação com a hospitalidade. Em todos esses discursos, considerando a cidade como objeto de reflexão, há um apelo claro a história e à memória dos espaços, dos lugares e de seus usos. A história é, assim, um dado a ser investigado e, ao mesmo tempo, um instrumento dos analistas que tentam, eles mesmos, recompor trajetos e cenários (FRUGOLI et al., 2006).

O envolvimento com o patrimônio, todavia, pode se estabelecer na medida em que ele for incorporado ao cotidiano de forma compreensível.

[...] Mais que informar, interpretar é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade. (MURTA & ALBANO, 2002, p. 14)

O “Dia do Patrimônio” é uma forma de preservação e reutilização do patrimônio cultural, que constitui uma forma de envolver a população, possibilitando a conscientização e a revitalização das tradições. A valorização da identidade cultural permite que se intensifique o sentimento de pertencimento à comunidade. Bastos (2006, p. 51) afirma que:

[...] o morador reconhece o patrimônio da cidade na medida em que este alcança o status de um lugar de memória, de pertença, compõe sua história e integra sua cultura: monumentos, edificações, logradouros [...] a hospitalidade inscreve-se nesse contexto de valorização da memória e da história, no processo de tradução dos percursos diários na cidade de forma compreensível.

Para Diéle (2017) o evento traz bons frutos para a pertença da comunidade com a sua história: “*após o Dia do Patrimônio, a demanda das escolas municipais para visitação dos prédios históricos aumenta consideravelmente [...] isso nos agrada, nos deixa feliz por ver nosso trabalho sendo reconhecido*”.

Ao problematizar a relação do patrimônio com a hospitalidade, percebemos que o “Dia do Patrimônio”, contempla ações que possibilitem aos moradores descobrir, tomar consciência e valorizar suas próprias riquezas, sejam elas materiais ou imateriais. O ato de hospitalidade cristaliza-se no movimento de preservação e melhoria dos bens, o sentimento de orgulho pelo seu patrimônio cultural, processo que garante, ainda, a manutenção momentânea dos bens e o melhor acolhimento também do visitante.

Assim, o “Dia do Patrimônio” é propiciador das relações interpessoais, relações de convivência, sociabilidade e alteridade na cidade de Pelotas que são elementos indispensáveis à hospitalidade. Com essas reflexões, é possível identificar o Dia do Patrimônio como um ato de hospitalidade, como um lugar que acolheu múltiplas etnias e, por isso, é possível identificá-lo como um espaço de sociabilidade, convivência e hospitalidade da cidade de Pelotas.

Baptista (2008, p. 10) contextualiza as múltiplas influências étnicas na formação da identidade de uma cidade fazendo uma referência a Gotman (2004), que afirma: a “hospitalidade surge-nos hoje como categoria sociopolítica de importância central na organização das cidades em resultado da imensa diversidade cultural que caracteriza o seu tecido social e da inevitável multiplicação de espaços e de serviços urbanos [...]”.

Segundo Baptista (2008, p. 6) “a verdadeira riqueza, ou identidade, dos lugares não está nas suas potencialidades materiais, mas, sim, na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados, amados, e, sobretudo, partilhados”. É nessa perspectiva que o Dia do Patrimônio ocorre na cidade de Pelotas desde o ano de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No “Dia do Patrimônio” a cidade se abre a possibilidade de acolhida de seus cidadãos, o patrimônio passa a ser identificado, compreendido e desmistificado, o envolvimento das pessoas com ele passa a ser prazeroso. A hospitalidade passa pelo imperativo da acolhida do outro, em direção a alteridade, onde a identidade individual e dos grupos é assegurada. Tal possibilidade permite a abertura de espaços verdadeiramente hospitaleiros que possibilitam o contato dos indivíduos para compartilharem suas subjetividades, suas crenças, valores e saberes. É preciso que a comunidade seja acolhida, permitindo um redimensionamento dos próprios valores por sua diferença radical. Fechar-se as diferenças da comunidade é abrir mão daquilo que pode revitalizar a própria comunidade. Essa abertura ao outros, permite repensar o patrimônio e sua diversidade na cidade de Pelotas, sem que nenhum nem outro se destruam, pois, “a hospitalidade é uma ligação social e implica os valores de solidariedade e sociabilidade”. (GRINOVER, 2012, p.01)

Durante o evento a hospitalidade é um reflexo das relações que se estabelecem entre a comunidade e sua cidade, pois este é seu lugar, seu lar, seu espaço de vivência e convivência, que traduz sua cultura, tradições e seus valores, enfim sua identidade.

Importante uma tendência atual de reafirmação das identidades coletivas em oposição ao movimento de uniformização cultural gerado pela globalização, do qual podemos apontar certa homogeneização do cotidiano. A valorização do patrimônio cultural surge como resposta a esta uniformização das identidades coletivas. No “Dia do Patrimônio”, os moradores se reconhecem como membros da localidade, referenciam e compartilham as histórias vivenciadas, interagem com o patrimônio. Acreditamos, que a apropriação simbólica, neste caso dos indivíduos com o seu Patrimônio através do espaço que está inserido seja muito relevante, visto que este sentimento de pertença e apropriação tenha como consequência a preservação do seu espaço, história, identidade.

A comunidade precisa ser parceira na promoção turística de sua cidade, devendo para isto, conhecer sua história e seu patrimônio cultural, que são os bens materiais e imateriais representantes de sua identidade. Segundo Grinover (2007, p. 87), “a única possibilidade de

construir a hospitalidade urbana pressupõe a capacidade de conhecer a cidade como ela é, sobretudo de conhecê-la como realidade”. Para Yázigí (apud OLIVEIRA, 2004, p. 4). “À medida que um lugar toma consciência de si mesmo, ele se afirma culturalmente”. Assim, ao conhecer a sua cidade os habitantes valorizarão seus símbolos identitários e serão capazes de desvendá-los e interpretá-los aos visitantes.

Por fim, salientamos que o Dia do Patrimônio é um ato hospitaleiro, pois vem inserindo novos indivíduos e novas histórias para o “usual e elitizado”, corroborando com a pluralidade de uma Pelotas que está caminhando para isto. Destituído de critério único, objetivo e universal, o Dia do Patrimônio engloba bens culturais não consagrados, expressões e fazeres das classes populares, bem como a identificação de elementos coletivamente importantes em nossa sociedade, além do tradicional patrimônio histórico e artístico. Busca-se a valorização da cultura, da memória, da educação e da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Liciane Machado e BASTOS, Michele de Souza. A experiência da cidade de Pelotas no processo de preservação patrimonial. *Revista CPC*, São Paulo, v.1, n.2, p.96-118, maio/out. 2006.
- ARAÚJO, Beatriz. Dia do Patrimônio em Pelotas. Entrevista concedida a Pierre Chagas, Pelotas-RS, 2017.
- BAPTISTA, Isabel (2008). **Hospitalidade e eleição intersubjetiva**: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, número 2, p. 5-14, jul.-dez. 2008.
- BASTOS, Sênia. **Hospitalidade**: uma perspectiva para a requalificação do centro histórico de São Paulo. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, número 2, p. 51-62, 2º sem. 2006.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **A pesquisa em hospitalidade**. *Revista Hospitalidade*. Camargo, Luiz Otávio de Lima: (2008). A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, n.2, p. 23-56, dez. 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano 2 (morar, cozinhar)*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- GASTAL, S.; MOESCH, M.. *Turismo, Políticas Públicas e Cidadania*. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2007.
- GODBOUT, Jacques T. **Recevoir, c'est donner**. In: *Communications*, n. 65, 1997. p. 35-47.
- GOTMAN, Anne (dir). **Villes et Hospitalité**. Paris: Éditions de Maison des sciences de
- GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.
- GRINOVER, Lucio. Patrimônio, Identidade, Território e Hospitalidade. Notas para a compreensão da cidade contemporânea. IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, 2012.
- l'homme, 2004.
- LEAL, N. M. P. M et al. *Narrativas e Imagens: Histórias de Vida da Região do Anglo*. 1 ed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2016.
- MATHEUS Zilda Maria. “A idéia de uma cidade hospitaleira”, in Célia Maria de Moraes Dias (org) *Hospitalidade: reflexões e Perspectivas*. Barueri, SP. Ed. Manole, 2002 (pp. 57-67)
- NOGUEIRA, A. G. R.. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 15, n. 27, p.233-255, jul. 2008.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, 10, 1993.
- ORÍÁ, R. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.) *O Saber Histórico em Sala de Aula*. São Paulo, Ed. Contexto, 8. ed., 2003.

PAULA, Nilma Morcef. **Introdução ao conceito de hospitalidade em serviços de alimentação.** In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002. p. 69-82.

PINHEIRO, Pedro Mascarenhas de Souza; BASTOS, Tiago Rodrigues; CALDAS, Liliane da Cruz; DUTRA, Camila Osório. **Hospitalidade urbana do centro histórico de Pelotas/RS.** *Applied Tourism*. Vol. 2, n. 3, p. 79 – 93, 2017.

PREFEITURA DE PELOTAS. Dia do Patrimônio celebra identidade dos bairros. 29 Mai 2017. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNy0wNS0yOQ==&codnoticia=45496> Acesso: 03.04.2017.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito a Memória: Patrimônio Cultural e Cidadania*. SP: DPH, 1992.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito a Memória: Patrimônio Cultural e Cidadania*. SP: DPH, 1992.

São Paulo, ano V, número 2, p. 15-51, jul.-dez. 2008.

THOMASI, Diéle. Dia do Patrimônio em Pelotas. Entrevista concedida a Pierre Chagas, Pelotas-RS, 2017.